A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA E O APORTE (AUTO)BIOGRÁFICO: DIÁLOGOS ENTRE MÉTODOS E SUJEITOS NAS PESQUISAS

Heriédna Cardoso Guimarães¹, Roberta Jardim Coube², Andreia Viana da Silva Diniz³ y
Verônica Fabíola Neves Rodrigues⁴

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Brasil. heriedna@gmail.com

² Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, IEPIIC, Brasil. belcoube@hotmail.com

³ Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói, Brasil. wilderandrea2@gmail.com

⁴ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Brasil. veronicafabiola@id.uff.br

Resumo. Este texto propõe uma imersão descritiva nos modos teórico-metodológicos utilizados no desenvolvimento de pesquisas realizadas em contextos educacionais brasileiros. As três pesquisas apresentadas dialogam com a investigação qualitativa via a adoção e inspiração dos princípios da Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica. Essa opção teórico-metodológica admite a emersão das subjetividades dos sujeitos que constroem as pesquisas, sejam eles autores ou participantes, e defende a não dissociação entre sujeito e pesquisa, pessoal e profissional, nos processos de formação, além de auxiliar na compreensão da complexidade dos fenômenos pesquisados. Nesse sentido, apresentamos três pesquisas realizadas pelas autoras deste texto em instituições educacionais brasileiras que encontram nas suas metodologias especificidades e leituras que ampliam o olhar para o modo de construir pesquisas e produzir conhecimento. A tese de doutorado segue o olhar da heterociência como propõe Mikail Bakhtin; uma dissertação apresenta a mônada, seguindo a proposição de Walter Benjamin, como modo de organização e leitura das narrativas, e a última dissertação faz uso do entrelaçamento das narrativas de experiências de docentes e discentes construídos via entrevistas narrativas.

Palavras-chave: Investigação Qualitativa; Pesquisa Narrativa (Auto)biográfica; Narrativa.

QUALITATIVES INVESTIGATIONS AND (AUTO) BIOGRAPHICAL CONTRIBUTION: DIALOGUES BETWEEN METHODS AND PARTICIPANTS OF RESEARCHES

Abstract. This text proposes a descriptive immersion in the theoretical-methodological modes used in the development of research conducted in Brazilian educational contexts. The three researches presented dialogue with qualitative research through the adoption and inspiration of the principles of Narrative (Self)Biographical Research. This theoretical-methodological option allows the emersion of the subjectivities of the subjects who construct the research, whether they are authors or participants, and defends the non-dissociation between the subject and the research, both personal and professional, in the formation processes, in addition to helping to understand the complexity of the phenomena researched. In this sense, we present three researches carried out by the authors of this text in Brazilian educational institutions that find in their methodologies specificities and readings that broaden the look for the way of building research and producing knowledge. The doctoral thesis follows the view of heteroscience as proposed by Mikail Bakhtin; a dissertation presents the monad, following Walter Benjamin's proposition, as a way of organizing and reading narratives, and the last dissertation makes use of the interweaving of the narratives of teachers' and students' experiences constructed through narrative interviews.

Keywords: Qualitative Research; (Auto)biographical Contribution; Narrative.

1. INTRODUÇÃO

Este texto propõe uma imersão descritiva nas metodologias utilizadas/construídas no desenvolvimento de três pesquisas realizadas em contextos educacionais brasileiros; estas pesquisas, a saber: uma tese de doutoramento e duas dissertações de mestrado, ambas em educação, se conectam via a adoção do referencial teórico-metodológico proposto no contexto de Pesquisas Narrativas (Auto)biográficas e, desse modo, priorizam o diálogo com investigações qualitativas realizadas no âmbito das ciências humanas.

O uso de metodologias qualitativas nas pesquisas realizadas em contextos educacionais no Brasil ganha fôlego e *status* a partir da década de 1980, pois nas

Décadas de 1960 a 1970, o interesse se localizava nas situações controladas de experimentação, do tipo laboratório, nas décadas de 1980 a 1990, o exame de situações 'reais' do cotidiano da escola e da sala de aula é que constituiu uma das principais preocupações do pesquisador. (André, 2001, p. 54).

Avançamos ao perceber que as investigações qualitativas propiciam o contato direto com os envolvidos nas pesquisas, encaminhando-nos ao olhar detido na compreensão em detrimento do aferir ou identificar. Menga Lüdke e Marli André (2013) ao expor as cinco características básicas da pesquisa qualitativa, elencadas por Bogdan e Biklen (1982), expõem na quarta característica a centralidade inerente à participação e fala dos sujeitos, pois

O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador [...] e que ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (Citado em Lüdke & André, 2013, p. 14)

Desse modo, o cruzamento entre contexto, espaço-tempo e sujeitos na realização de pesquisas que dialogam com a perspectiva qualitativa mostra-se como fundamental e exige do pesquisador a escolha dos meios e métodos que melhor o auxiliem na tentativa de ampliar os modos de construir as etapas da pesquisa de modo que não exclua a subjetividade ou silencie os sujeitos envolvidos no processo de início, meio e conclusão, mesmo que provisória, da pesquisa. A centralidade do diálogo entre pesquisador e sujeitos no processo de construção das pesquisas abre espaço para que na seara da produção de

conhecimento, em ciências humanas, diferentes contribuições metodológicas sejam apresentadas, cada uma possuindo sua especificidade, etapas e tempos.

Assim posto, objetivamos neste texto apresentar, a partir das discussões teórico-metodológicas realizadas no âmbito da Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica, as metodologias e modos de análise (que optamos chamar leituras) que nós autoras deste texto desenvolvemos ao longo do processo de construção de uma tese de Doutorado em Educação – de autoria de Roberta Coube – e de duas dissertações de Mestrado em Educação – de autoria de Heriédna Guimarães e Andréia Diniz –. Para tanto, sequenciamos este texto apresentando os elementos teóricos e metodológicos da Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica e encetamos com as sínteses metodológicas de nossas pesquisas, de modo a apresentar os métodos de coleta de dados e (leituras) que realizamos, assim como a síntese concernente ao nosso olhar para o uso das proposições das Pesquisas Narrativas (Auto)Biográficas na realização de investigações qualitativas em contextos educacionais.

2. A PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA E AS HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: UM ESBOÇO DAS PRINCIPAIS IDEIAS

A inserção da abordagem (auto)biográfica e histórias de vida no campo da educação acontece dentro do movimento de ruptura paradigmática realizado nas ciências humanas em resposta à forte generalização, à ideia de neutralidade etc., características do modelo positivista de construção do conhecimento. Antonio Bolívar (2014), ao realizar uma análise dos pressupostos epistemológicos das abordagens (auto)biográficas presentes nas diversas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPAs), sinaliza que ao longo dos anos e devido à diversidade de estudos que dialogam com as abordagens (auto)biográficas esta têm-se constituído como uma forma legítima de construir conhecimento no campo de pesquisas educacionais. Para Bolívar (2014), como estamos falando de produção de conhecimento, realização de pesquisas no campo educacional, devemos seguir alguns cânones e romper com outros, lembrando que se vamos abandonar os pressupostos e modos de produzir conhecimento moderno-positivista, faz-se necessário indagarmos-nos sobre quais seguiremos. Uma sugestão proposta por Bolívar é caminharmos em direção aos caminhos onde encontraremos abordagens genealógicas, arqueológicas ou históricas, pois estando fora dos pressupostos modernos, vivendo em tempos de modernidade tardia, e considerando o contexto da produção de conhecimento, “no es la epistemologia la que debe determinar la metodologia, pues no se liga metodologia y

paradigma, ni hay oposición entre ellos (mixed methods)” (Bolívar, 2014, p. 114). A Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica, segundo Bolívar (2014), está inscrita no paradigma fenomenológico “que sostiene que la realidad es construída socialmente mediante definiciones individuales o colectivas de una determinada situación” (Bolívar, 2014, p. 117), não limitando as narrativas das histórias de vida (orais ou escritas) à simples coleta de dados para o estudo, mas admitindo o imbricamento entre os sujeitos e a produção de sentidos a partir das narrativas de suas histórias de vida e formação.

Franco Ferrarotti (2010) destaca que a subjetividade é produtora de conhecimento de modo que os processos de formação das pessoas, suas narrativas possibilitam ir mais longe à investigação e compreensão dos subprocessos que compõem a formação das pessoas. Para Pierre Dominicé (2010), a valorização dos processos de formação facilitam o desenvolvimento de uma Sociologia holística da formação que favorece a construção de elementos narrativos/compreensivos sendo facultado ao sujeito a conscientização acerca dos modos de apropriação dos momentos formadores, permitindo, assim, que cada indivíduo identifique em sua própria história de vida o que foi realmente formador. Neste sentido, é possível falar da autoformação via a construção de um enredo narrativo produzido pelo sujeito das pesquisas, pois as histórias de vida estimulam a autoformação à medida que uma explicação de uma dada trajetória de vida é um esforço que contribui para uma tomada de consciência no plano coletivo e individual das pessoas. Aqui fica explícita a relação de imbricação e a impossibilidade de separar a investigação e a formação; trata-se, pois, de situar as histórias de vida das pessoas enquanto fenômeno sociológico. Essa estratégia deixa claro que é possível mostrar de que forma os fatores políticos, culturais e sociais marcam as histórias de vida dos indivíduos.

As contribuições da Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica propiciam aos investigadores, que dialogam com abordagens qualitativas, a construção de olhares compreensivos para os sujeitos e contextos de suas pesquisas. Tais percursos são possibilitados pelo mergulho junto ao/com o(s) sujeito(s) na(s) narrativa(s) de sua(s) história(s) de vida, bem como pelo retorno aos sentidos emergidos após a leitura compreensiva da(s) narrativa(s). Estas leituras possibilitam a emergência dos processos de socialização que constituem os sujeitos envolvidos no estudo, imbricando os espaços por eles ocupados, de modo a pensarmos os estudos como uma construção híbrida, e assumindo que o compósito entre as narrativas/relatos de vida dos sujeitos, contexto social, histórico, político etc. formam uma rede de

sentidos que conectam o singular ao plural, o pessoal ao institucional, não dissociando vida, subjetividade e produção de conhecimento como apresentamos a seguir.

3. PESQUISAS E METODOLOGIAS

É a partir das interseções entre diferentes pontos que se conectam confluindo à abertura, ao diálogo interdisciplinar e transdisciplinar possibilitado pelo e com as Pesquisas Narrativas (Auto)Biográficas, criando conexões com a literatura e a arte, que nós (autoras deste texto) optamos por apresentar na sequência sínteses de pesquisas realizadas no âmbito de nossos cursos de doutorado e mestrado em educação, desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, sediada na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro/Brasil, destacando os aspectos metodológicos que construímos de modo que a compreensão investigativa vá além da aferição e chegue à construção coletiva de produção de conhecimento; pesquisas que formam ambos os sujeitos nelas envolvidos, pesquisador e pesquisados. Assim, iniciamos tecendo considerações sobre a tese de doutoramento, a seguir.

Tese de Doutorado em Educação intitulada *(Inter)corporeidade e narrativas: a integração corpo-arte-vida na formação de professores de Educação Física*, de autoria de Roberta Jardim Coube.

A pesquisa de doutoramento pretendeu contribuir para a discussão da (inter)corporeidade e formação no contexto da Educação Física escolar no ensino médio. Adensando a discussão sobre corpo e seus processos de significação na escola, o estudo foi um exercício de escutar como enunciam e dialogam sobre/com os corpos estudantes e professores do ensino médio (regular e profissionalizante - Curso Normal), a partir das experiências de suas trajetórias de vida e formação no contexto da Educação Física. Os sujeitos da pesquisa participaram de rodas de conversas, mediadas pela doutoranda; as rodas dialógicas, ocorridas ao longo de dois anos, contaram com sete estudantes e dois professores de Educação Física. O referencial teórico-metodológico pautou-se na heterociência, ciência da alteridade, em consonância à metodologia de pesquisa narrativa em educação na perspectiva bakhtiniana por possuir matizes com expressão nas experiências vividas e narradas por sujeitos valorativamente afirmados. Importou a compreensão da arquitetônica concreta do mundo da visão estética, associada ao agir ético no mundo, pois comporta a ação responsiva do ser que é também um sujeito contemplador da arte e da vida as quais compõem uma unidade. A arte (literária), com a sua arquitetônica da relação, evidenciou os

quereres e as emoções que movem a vida, a materialidade viva, e o fio que os conectaram aos sujeitos relacionais na escola. No contexto dos estudos da linguagem em Bakhtin, a categoria intercorporeidade foi vista como sinônimo de dialogismo, necessidade de articulação da vida social e humana. O coletivo escolar foi encarado como uma rede sónica: estamos vivos e interconectados com os outros. Os frutos das rodas de conversas constituíram-se investigação-formação, pois a partilha sensível é uma construção coletiva com suas contradições, visto que há sempre vozes plurais como contrapalavras. A pesquisa intercambiou as narrativas das histórias de vida da pesquisadora-autora às narrativas dos sujeitos expressivos em um percurso de sentipensar a formação permanente de professoras e professores de Educação Física em sua expressão acadêmico-profissional com as experiências dos percursos docentes na escola pública. As intercorporeidades, os corpos cronotopos em relação, constituíram-se por diversificados processos de formação humana, de humanidade encarnada, além da indissociabilidade tempo/espaço, que diz da ligação do homem com todas as suas ações e peripécias com o mundo em seu caráter holístico proposto pelo pensamento participativo. As emoções constituem os sujeitos, que são seus pensamentos e ações, cotejamentos com a consciência corporal na somaestética, processo formativo do educador implicado às posturas humanísticas implicadas às pedagogias outras dos corpos na perspectiva formativa de totalidades humanas corporais.

Importante destacar que a arquitetônica bakhtiniana alicerçou o projeto de dizer da autora e foi articulado ao processo de construção da metodologia narrativa de pesquisa em educação. Buscou-se, nesse sentido, ressaltar que “a metodologia não é um método, mas um conjunto de métodos-como-percursos possíveis” (Prado et al., 2015, p. 25), sugerindo que não há uma única maneira de construir a pesquisa narrativa. Como desenvolveu Heloísa Proença, “a metodologia narrativa lhe possibilita revisitar as experiências e compreender melhor o que o levou a determinadas ações. Com isso aprende mais sobre si, sobre o trabalho e pode vislumbrar outros percursos” (Proença, citado em Prado, 2015, p. 182). A autora abordou a “autoimplicação responsiva do pesquisador” e nos exortou a pensar os processos formativos narrados e apresentados nas pesquisas autobiográficas e suas potências enquanto textos que “o dever concreto é um dever arquitetônico” (Bakhtin, 2010, p. 143) em que os acontecimentos são únicos e irrepetíveis entre o eu e o outro, sujeitos valorativamente afirmados, segundo Bakhtin (2010).

Falar da opção por certa metodologia de pesquisa é também um caminho autobiográfico. Assim, a autora-pesquisadora optou pela metodologia de pesquisa narrativa, respaldada na

teoria bakhtiniana, que vai ao encontro da arquitetônica bakhtiniana “centrada ao redor do eu enquanto único e unitário ponto de referência de um mundo no qual isso é abstratamente, em relação a um olhar externo não participante, um outro eu, é, ao invés, unicamente e absolutamente (irreversivelmente) outro” (Ponzio, 2013, p. 14). Destacando, assim, “os momentos de tal arquitetônica segundo os quais se constituem e se dispõem todos os valores, os significados e as relações espaço-temporais são por Bakhtin caracterizados em termos de alteridade” (Ponzio, 2013, pp. 14-15). Esses termos alteritários são “o eu-por-mim, o outro-por-mim e o eu-pelo-outro” (Ponzio, 2013, p. 15). Nós nos constituímos e nos transformamos, alteramos, porque o outro existe, sendo por meio da interação, das relações sociais, que ocorre a relação alteritária e não por meio da consciência. Porque existe a alteridade, existe a contrapalavra: o que enunciamos é uma resposta ao outro, que nos altera.

Nessa perspectiva, compõem-se o material desta pesquisa: as narrativas de alunos do Ensino Médio, do Curso Normal do IEPIC, instituição onde atuo desde o segundo semestre do ano de 2016; as narrativas de alunos do Ensino Médio do curso regular, do Colégio Pedro II, instituição pública federal onde lecionei Educação Física entre os anos de 2014 e 2016 com o referido corpo discente; e, além das enunciações dos estudantes, trago também as narrativas dos professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio do Curso Normal, do IEPIC.

Vale enfatizar a relevância de assinalar, com Tatiana Bubnova (2016), as singularidades da concepção de linguagem em Bakhtin:

O ser humano pensado como ente corporal e fisiológico por uma parte, e como social, comunicativo, reflexivo e ainda teórico, dotado de vontade e sentimento, representa adequadamente essa simultaneidade dos aspectos estudados tradicionalmente de modo separado. Os sentidos corporais como instrumentos de conhecimento, comunicação, entendimento e reflexão adquirem desse modo um lugar especial nessa peculiar semiologia. Mais ainda, fazem com que o conceito de corpo se projete para uma dimensão na qual não costuma se interessar a linguística, este é um campo que interessa mais à filosofia (Bubnova, 2016, pp. 216-217).

Tomando essa perspectiva, os sujeitos da pesquisa foram compreendidos como entes corporais comunicativos e expressivos, com vontades e sentimentos considerados a partir das metáforas epistemológicas dos sentidos em Bakhtin, tratadas também por Bubnova

(2016), ao refletir sobre elas (as metáforas) com a tríade discurso, corpo e transcendência. Mas a autora não fala a partir da linguística tradicional: “estuda a metalinguística bakhtiniana a partir das relações concretas entre os falantes geradas em situações dialógicas, as quais repercutem na compreensão e na produção do sentido” (Bubnova, 2016, p. 215). Assim, as narrativas foram encaradas como produções dos entes corporais em situações dialógicas concretas em que vale considerar que enunciamos porque temos e somos um corpo no mundo, sendo que o nosso “pensamento é participativo, isto é, possui um caráter holístico da visão de mundo” (Ibid., 2016, p. 218). Lembrando que pensamento é também ato e sentimento – tal como desenvolve Bakhtin (2012) e, nas palavras de Ponzio: “tudo é um ato meu, também o pensamento e o sentimento [...] ato significa passo, como iniciativa, movimento, ação arriscada, tomada de posição” (Ponzio, 2013, pp. 9-10).

Faz-se necessário pontuar que as narrativas foram obtidas em momentos distintos de acordo com os grupos de sujeitos da pesquisa, da atuação da autora e da posição específica espaço-temporal em que os sujeitos enunciaram. Algumas narrativas foram registradas durante dois anos em que ministrei a disciplina Educação Física no Ensino Médio no Colégio Pedro II. Os registros foram realizados durante as suas aulas por meio de rodas de conversa. Assim, as narrativas dos estudantes do Colégio Pedro II foram colhidas entre os anos de 2014 e 2016.

As rodas de conversa sobre Educação Física escolar e corpo(reidade) geraram muitas questões sobre a cultura corporal, as quais por sua vez geraram questões distintas sobre os corpos na escola e no mundo. As rodas de conversa possuíam duração distinta, pois dependiam das demandas levantadas pelos próprios estudantes; e a realização era feita da seguinte maneira: uma roda de conversa no início e outra ao final de cada trimestre. As experiências na instituição trouxeram a necessidade de pensar sobre os aspectos do currículo de Educação Física e sua relação com a corporeidade. Após as rodas de conversas, geralmente as que ocorriam no final do trimestre, a docente-pesquisadora pedia que os alunos produzissem textos sobre alguma questão significativa experimentada durante as aulas ou que se relacionassem com as nossas conversas. Chamou a atenção o fato de parte dos discentes produzirem no gênero discursivo histórias em quadrinhos (HQs), narrando algumas de suas experiências com a Educação Física e o corpo. Das muitas reflexões que as narrativas dos estudantes levantaram, destacam-se a necessidade de considerar o processo de escolarização e os estudos e intervenções com/na cultura corporal. “Si la educación física quiere permanecer vinculada a la escuela, debe proponer

una nueva fórmula de escolarización. Eso puede convertir em área pioneira de una vía de cambio" (Sánchez, 2016, p. 104). Como temos identificado em nosso grupo de pesquisa, a Pesquisa Narrativa (Auto)biográfica pode ser um percurso possível capaz de construir formas outras de escolarização e de pensar a educação institucional. Sobre isso, em um percurso diferente da tese aqui apresentada, a dissertação a seguir traz um diálogo com a perspectiva benjaminiana, corroborando a relevância das pesquisas com narrativas (auto)biográficas.

Dissertação de Mestrado em Educação intitulada *Caminhos de construção de sentidos sobre o que é ser professor de ensino médio de física*, de autoria de Heriédna Cardoso Guimarães.

Esta pesquisa propõe uma imersão nos caminhos de construção de sentidos sobre o que é ser professor de Ensino Médio de Física no contexto educacional brasileiro e tem a narrativa da história de vida e formação da autora o ponto inicial para os cruzamentos e imbricamentos entre os caminhos que compõem o texto. Os sujeitos desta pesquisa são três professores formadores – que atuam como docentes do instituto de física de uma universidade federal localizada no Estado do Rio de Janeiro e atualmente têm como foco de suas ações docentes e de pesquisa o curso de licenciatura em Física oferecido pela referida instituição –, e dois licenciandos em física que cursavam o último período do curso de licenciatura em física.

O diálogo com os sujeitos foi delineado pela realização de entrevistas narrativas como propõem Martin Bauer e Sandra Jovchelovitch (2011); a entrevista narrativa que é “uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas” (Jovchelovitch & Bauer, 2011, p. 95) que me limita o pesquisador e amplia os espaço-tempos para o sujeito -entrevistado - contar sua história. Ao narrar sua história, narra se antes para si (como processo do pensamento) e materializa o mesmo ao externo (como palavra), a mediação existente neste processo externo-interno-externo é um momento subjetivo (auto)formativo.

A organização e leitura das narrativas seguem o conceito de mônada, pequenas histórias construídas pela autora a partir das transcrições das entrevistas narrativas realizadas individualmente com os cinco sujeitos da pesquisa; estas pequenas histórias contêm situações emblemáticas interligando aspectos do micro e do macro, trazendo uma possibilidade de cruzar histórias singulares e coletivas. Gottfried Wilhelm Leibniz (2007)

apresenta a ideia de mônada como oposição a filosofia cartesiana do século XVII que desconsiderava “as percepções que não são apercebidas” pela razão. A mônada é como uma substância simples (sem partes, “verdadeiro átomo da natureza”) que só pode começar por criação e acabar por aniquilamento; “não possuem janelas através das quais algo possa entrar ou sair” e modificações só são possíveis internamente, seguindo o próprio movimento interno de mudanças e permanências, acarretando a inexistência de duas mônadas iguais. As mônadas, para Leibniz, contêm as percepções e suas modificações, e em Benjamin, elas “podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo possa também ser contado por um de seus fragmentos” (Rosa et al., 2011, pp. 203-204). Benjamin (2016) ao pensar a ruptura histórica a partir da “origem” vê na mônada a possibilidade de romper com os limites entre passado e futuro, pois para ele

A ideia é uma mônada. O ser que nela penetra com a sua pré e pós-história mostra, oculta na sua própria, a figura abreviada e ensombrada do restante mundo das ideias... [e] em cada uma dela estão indistintamente presentes todas as demais (Benjamin, 2016, p. 36).

Esta é a porta para a relação parte-todo que as mônadas carregam consigo, possibilitando a articulação entre as experiências individuais do sujeito e os espaços-tempos sociais mais amplos que ele constrói, “porque o ‘eu’ que nelas se diz não fala somente de si, mas também porque deve ceder lugar a algo outro que não si mesmo (Gagnebin, 2013, p. 80). Apresento abaixo um exemplo de mônada e o modo como construímos conhecimento a partir das leituras que realizamos da mônada.

Mônada – Vem arrastado dar aula

Uma boa aula... saber transmitir legal o conteúdo... foi o que eu falei... posso até não passar... repeti... mas aprendi alguma coisa naquele semestre... até mesmo no caráter... na parte pessoal... a gente vê muito professor aqui de nariz em pé... ah... eu faço pesquisa... vou ter que ir para dentro de sala de aula...você vê que tem professor que vem arrastado dar aula e tem professor que gosta de estar ali para passar o que sabe... então eu acho que isso é o meu professor bom e o meu professor ruim...o que gosta de estar em sala de aula e o que está ali porque tem que cumprir uma carga horária naquele semestre e tal.

A Mônada – Vem arrastado dar aula possibilita a leitura que emerge de um olhar singular e extrapola para o espaço institucional de formação de professores de física, uma vez que a ênfase ao “vem arrastado dar aula” pode configurar-se como uma aprendizagem/ percepção de que o exercício da docência em física é uma ação profissional menor, ruim de se fazer, quando comparada a realização da pesquisa em física. Esse sentido da docência em física como algo desinteressante aparece sutilmente em outras mônadas dispostas no texto final da dissertação e nos chama a atenção, dialogando com outros autores, para a influência das dinâmicas sociais e do contexto institucional na construção de sentidos que vão além dos significados das palavras; estas podem assumir e adquirir diferentes sentidos que estão interligados ao contexto institucional, espacial e temporal que as constroem, e desse modo ilustram a potencialidade das mônadas como modo de organizar e analisar as narrativas de histórias de vida dos sujeitos das pesquisas. A mônada não se reduz a uma historieta, compósito de uma história de vida completa, ela carrega a complexidade de um coletivo, a capacidade singular de falar de um todo que não se dissocia dos aspectos pessoais e coletivos inerentes aos sujeitos de nossas pesquisas. Seguimos percorrendo acerca de outro modo de pensar e fazer pesquisas em educação que dialogam com as investigações qualitativas e a pesquisa narrativa (auto)biográfica.

Dissertação de Mestrado em Educação intitulada *A dimensão formadora do estágio supervisionado no curso normal: narrativas de docentes e discentes do Instituto de Educação Clélia Nanci*, de autoria de Andreia Viana da Silva Diniz

A pesquisa desenvolvida no âmbito desta dissertação de mestrado segue num movimento de reflexão em torno da importância do Estágio Supervisionado na formação inicial de professores que vão atuar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental da Educação Básica brasileira, destacando o olhar para análise de como docentes e discentes significam o papel deste componente curricular, na formação dos futuros professores, e discutindo quais as implicações dessas concepções para a trajetória formativa e futura prática docente.

Como ações metodológicas em um primeiro momento realizei a união de relatos que eu, a autora da pesquisa, presenciei ao longo de onze anos de atuação como professora das Disciplinas Pedagógicas no Ensino Médio, na modalidade Normal. Num segundo momento realizei entrevistas narrativas que me possibilitaram compreender as trajetórias de vida e formação dos sujeitos. Diferente de entrevistas que baseiam-se numa estruturação marcada por perguntas e respostas fechadas, onde o entrevistador de forma muito fluente impõe sua

estrutura, a entrevista narrativa é um convite que encoraja os sujeitos da pesquisa a narrarem suas histórias, permitindo que estes partam de experiências de si, que questionem os sentidos de suas vivências, aprendizagens, trajetórias pessoais e suas incursões nas instituições escolares, quer como docentes, quer como discentes. O trabalho com entrevistas narrativas caracteriza-se como uma excelente perspectiva de formação, porque o sujeito “ao selecionar aspectos de sua existência e tratá-los através da perspectiva oral, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida” (Souza, 2008, p. 91). Logo, os sujeitos vão produzindo conhecimentos sobre si, sobre os outros, sobre o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, das suas singularidades, experiências e saberes.

Eu, como professora da disciplina Prática Pedagógica e Iniciação à Pesquisa e supervisora de estágio, no curso de formação de professores a nível médio, na modalidade Normal pude contar com quatro sujeitos colaboradores da pesquisa. Dois docentes que lecionavam a mesma disciplina que eu e dois discentes que na ocasião eram meus alunos cursando a referida disciplina e cumprindo a carga horária do estágio supervisionado. Cada um deles, em momento distinto, narraram suas histórias que foram gravadas com prévia autorização e em seguida foram cuidadosamente transcritas. Para garantir que não houve nenhuma transcrição equivocada, todas as narrativas retornaram para seus autores a fim de que estes pudessem lê-las antes que as mesmas fossem analisadas.

Por defender que o conhecimento é construído a partir de experiências que passam por mim e pelo outro, optei pelo referencial teórico-metodológico da Pesquisa Narrativa (Auto)Biográfica pois este abre um debate epistemológico sobre o papel da subjetividade na elaboração do conhecimento, dialogando com experiências educacionais de formação através de histórias de vida. Assim, a partir das contribuições desse aporte, contextualizado na perspectiva de uma outra epistemologia de formação, busquei ao longo da pesquisa emprestar a escuta a alunos e alunas, a professores e professoras do Curso Normal resgatando suas vozes e memórias silenciadas ao longo de suas próprias histórias. Histórias essas articuladas, segundo Ferraroti (2010) a contextos imediatos dos grupos restritos (primários) aos quais os mesmos pertencem como família, escola, professores, além de ideias, crenças e concepções que contribuíram para a constituição dos sentidos da docência e do estágio supervisionado.

Posto isto, debrucei-me em quatro narrativas, buscando compreendê-las, não de forma intimista, mas de forma reflexiva, num permanente diálogo entre as histórias individuais e suas inscrições institucionais e sociais. A este respeito António Nóvoa vai dizer que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida” (Nóvoa, 2010, p. 153). E foi justamente esse movimento que busquei fazer durante todo percurso da pesquisa com os demais sujeitos envolvidos de forma que nossas narrativas, compreendidas como leitura de nossas experiências, suscitasse reflexões de nossas próprias práticas ampliando o diálogo com os outros e consigo mesmo e com muitas outras vozes que coabitam suas múltiplas experiências nas suas trajetórias. Na medida em que mergulhei nessa pesquisa, fui me revendo, me reencontrando, me formando, me transformando. O resultado dessa imersão é uma aprendizagem que parte de outro lugar e esse lugar são as nossas próprias experiências e recordações de nossos itinerários. Falar desse outro lugar de aprendizagem é algo desafiador porque ele não envolve uma racionalidade técnica, instruções, modelos e prescrições, mas envolve a capacidade de escuta e de leitura, de reflexão, de teorização sobre a própria prática permeada por subjetividade. As leituras das narrativas somadas às minhas experiências permitiram-me fazer algumas considerações acerca da temática central da pesquisa que é o estágio supervisionado, mas que extrapolam o proposto neste texto, cujo objetivo maior é discorrer sobre os modos de produção de conhecimento que dialogam via a Pesquisa Narrativa (Auto)biográfica com o campo educacional brasileiro em seus diferentes níveis e as investigações qualitativas.

4. CONCLUSÕES

Reconhecendo que “nenhum método pode ter a pretensão de aprisionar a verdade” (Almeida apud Soares, 2002, p. xvi), importa para nós problematizar a ciência e sair em defesa de uma filosofia da linguagem que não perca o vivido de nós, sujeitos relacionais. Nesse sentido, a pesquisa narrativa na perspectiva bakhtiniana é apenas uma lente dentro de uma infinidade de lentes da abordagem de pesquisa qualitativa no campo da educação. Das suas importâncias destacamos: o exercício de escuta de nossos estudantes e dos colegas de profissão e vida sabendo que as ações coletivas em prol do bem comum são muito mais eficazes ao projeto maior de educação que compõe a escola, que é ao mesmo tempo político, pedagógico, ético-estético. Acrescentamos que pensar o processo de formação de professores de física via a emergência singular que o uso da mônada como modo de organização e início da análise das narrativas de história de vida possibilitam aceitar o

imbricamento total entre sujeitos e tempos históricos que são atualizados no tempo presente pela possibilidade sempre aberta de leitura e produção de sentidos para a formação de professores, o campo educacional e as investigações qualitativas. Destacamos que o entrelaçamento de narrativas dos diferentes sujeitos das pesquisas possui também o potencial autoformador próprio da reminiscência criadora e recriadora de leituras e possibilidades formadoras.

Ratificamos que métodos não conseguem ler a complexidade na sua totalidade que é a vida, arte construída em meio às tecnologias e economias sem sujeitos, mas há porém, possibilidades metodológicas que mais nos aproximam da relação micro-macro, interno-externo, individual-coletivo, pessoal-profissional, que são parte dos sujeitos educacionais do século XXI e futuros. Desse modo, apresentamos modos de se fazer pesquisa que partindo de um individual (aqui as autoras das pesquisas) chega-se a um macro, coletivo institucional que fala por muitos, para muitos, acessível a muitos sujeitos que, muitas vezes, se desconhecem como parte da dinâmica da totalidade que é a sociedade.

5. REFERÊNCIAS

- André, M. E. D. A. (2001). Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Revista Cadernos de Pesquisa*, 113, 51-64.
- Bauer, M. W., & Jovchelovitch, S. (2011). Entrevista narrativa. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. (9ª ed). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Bakhtin, M. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Bakhtin, M. (2014). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec.
- Benjamin, W. (2016). *Origem do drama trágico alemão*. (edição e tradução João Barrento). (2ª ed). Belo Horizonte: Autêntica.
- Bolívar, A. (2014). A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (Auto)biográfica. In: M. H. Abrahão, I.F., Bragança & M. Araújo (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões*. (1ª ed). Curitiba, PR: CRV.
- Bubnova, T. (2016). *Do corpo à palavra: leitura bakhtinianas*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Dominicé, P. (2010). O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: A. Nóvoa & M. Finger (Orgs.), *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: Edufrn; São Paulo:Paulus.
- Ferraroti, F. (2010). Sobre a autonomia do método biográfico. In: A. Nóvoa & M. Finger (Orgs.), *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: Edufrn, São Paulo: Paulus.
- Gagnebin, J. M. (2013). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, (Estudos; 142/ dirigida por J. Guinsburg).
- Jackson, P. W. (1999). *Enseñanzas implícitas*. Buenos Aires: Amorrortu editores.

- Leibniz, G. W. (2007). *Princípios da Filosofia ou a Monadologia*, tradução Fernando Barreto Gallas. Disponível em: < <http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/monadologia.pdf>>.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. (2013). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2ed., São Paulo: EPU.
- Nóvoa, A., & Finger, M. (Orgs) (2010). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: Edufrn; São Paulo: Paulus.
- Ponzio, A. (2010). *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João.
- Ponzio, A. (2013). O Cronótopo na obra de Bakhtin. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe. *Palavras e contrapalavras: circulando pensares do Círculo de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Prado, G. do V. T., Serodio, L. A., Proença, H. D. M., & Rodrigues, N. C. (2015). *Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Rosa, M. I. P., Ramos, T. A., Corrêa, B. R., & Junior, A. S de A. (2011). Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. *Currículo sem Fronteiras*, 11(1), 198-217.
- Soares, A. (2002). *Educação física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Souza, E. C. (2008). Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: Passegi, M. C. e Souza, E. C. *(Auto) biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus, 85-101.